



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ

# CONTEXTUS

## REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO

Contextus – Contemporary Journal of Economics and Management

ISSN 1678-2089  
ISSNe 2178-9258

[www.periodicos.ufc.br/contextus](http://www.periodicos.ufc.br/contextus)

## Experiências de mulheres em empreendedorismo de “não” resistências à luz da Teoria Decolonial

*Women's experiences in entrepreneurship of “non” resistance in light of Decolonial Theory*

*Experiencias femeninas de “no” resistencia empresarial a la luz de la Teoría Decolonial*

<https://doi.org/10.19094/contextus.2023.82816>

### Gabriele Ferreira da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0096-8487>

Mestranda em Administração na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

[gabriele.4@gmail.com](mailto:gabriele.4@gmail.com)

### Fabiana Pinto de Almeida Bizarria

<https://orcid.org/0000-0001-8365-8593>

Professora na Faculdade Luciano Feijão e Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública na Universidade Federal do Piauí (PPGP/ UFPI) Doutora em Administração pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

[fabiana.almeida.fff@gmail.com](mailto:fabiana.almeida.fff@gmail.com)

### Ana Sílvia Rocha Ipiranga

<https://orcid.org/0000-0001-8095-6800>

Professora na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Doutora em Psicologia do Trabalho e da Organização pela Università Alma Mater Studiorum di Bologna (Itália)

[silvia.ipiranga@uece.br](mailto:silvia.ipiranga@uece.br)

### Flávia Lorenne Sampaio Barbosa

<https://orcid.org/0000-0002-4804-9538>

Professora na Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Doutora em Administração pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

[flsbarbosa@ufpi.edu.br](mailto:flsbarbosa@ufpi.edu.br)

### RESUMO

A pesquisa objetiva compreender o empreendedorismo feminino à luz da teoria decolonial, considerando a experiência de mulheres empreendedoras. Com a análise de (8) vídeos produzidos nos anos de 2020 e 2021 Websérie do Sebrae Delas. Para a análise dos trechos selecionados realizou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD), que evidenciou discursos em que mulheres são solicitadas a ‘provar’ sua capacidade, ante à dependência de suporte masculino para operacionalizar as funções da ‘mulher’ e da ‘empreendedora’ evidenciando desafios à classificação social de caráter patriarcal, colonial, eurocêntrico. Os discursos convergem em um momento histórico em que a resistência à classificação social das mulheres emerge dos discursos como práticas sociais.

**Palavras-chave:** empreendedorismo feminino; decolonialidade; resistência; classificação social; discurso.

### ABSTRACT

The research aims to understand female entrepreneurship in the light of decolonial theory, considering the experience of women entrepreneurs. With the analysis of (8) videos produced in the years 2020 and 2021 Sebrae Delas Webseries. For the analysis of the selected excerpts, the Critical Discourse Analysis (CDA) was carried out, which evidenced discourses in which women are asked to 'prove' their capacity, given their dependence on male support to operationalize the functions of 'women' and 'women entrepreneur' evidencing challenges to social classification of a patriarchal, colonial, Eurocentric character. The discourses converge in a historical moment in which resistance to social classification of women emerge from the discourses as social practices.

**Keywords:** female entrepreneurship; decoloniality; resistance; social classification; speech.

### RESUMEN

La investigación tiene como objetivo comprender el emprendimiento femenino a la luz de la teoría decolonial, considerando la experiencia de las mujeres empresarias. Con el análisis de (8) videos producidos en los años 2020 y 2021 Sebrae Delas Webseries. Para el análisis de los extractos se realizó el Análisis Crítico del Discurso (ACD), que evidenció discursos en los que se les pide a las mujeres ‘demostrar’ su capacidad, dada su dependencia del apoyo masculino para operacionalizar las funciones de ‘mujeres’ y ‘mujeres emprendedor’ evidenciando desafíos a la clasificación social de carácter patriarcal, colonial, eurocéntrico. Los discursos convergen en un momento histórico en el que las resistencias a la clasificación social de las mujeres emergen de los discursos como prácticas sociales.

**Palabras clave:** emprendimiento femenino; decolonialidad; resistencia; clasificación social; discurso.

### Informações sobre o Artigo

Submetido em 18/11/2022

Versão final em 24/02/2023

Aceito em 06/03/2023

Publicado online em 11/07/2023

Comitê Científico Interinstitucional

Editor-Chefe: Diego de Queiroz Machado

Editor Associado: Alessandra de Sá Mello da Costa

Avaliado pelo sistema *double blind review* (SEER/OJS – versão 3)



### Como citar este artigo:

Silva, G. F., Bizarria, F. P. A., Ipiranga, A. S. R., & Barbosa, F. L. S. (2023). Experiências de mulheres em empreendedorismo de “não” resistências à luz da Teoria Decolonial. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 21, e82816. <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.82816>

## 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo feminino no Brasil amplia seu espaço, de acordo com pesquisa realizada pelo GEM (2021), as mulheres dos países da região da América Latina e do Caribe, apresentaram-se com mais destaque que os homens ao ofertar produtos/serviços inovadores. Além disso, a proporção de mulheres em negócios por necessidade é maior, como alternativa ao desemprego (Nassif et al., 2009; Sebrae, 2019), ao passo que dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demonstram que o número de desempregadas é superior em relação ao de homens (IBGE, 2021), e que as mulheres participam menos do mercado formal (Sebrae, 2019).

A conciliação do trabalho com a família é um dos fatores importantes para o empreendedorismo, dado a rotina flexibilizada, que permite às mulheres uma saída alternativa ao mercado formal (Teixeira & Bonfim, 2016, Strobino & Teixeira, 2014). Tal contexto, ainda, é cercado de desafios, posto que a jornada de trabalho e a pressão familiar são fatores ainda presentes na rotina das mulheres empreendedoras (Mathew, 2010; Winn, 2005).

Arelada a esses desafios está a definição atribuída ao gênero, na perspectiva da diferença entre homens e mulheres, que imprime a condição biológica e obscurece as relações de poder historicamente situadas à dominação masculina (Scott, 1995). Com a atribuição ao sentido de ‘gênero’, as diferenças foram definidas socialmente, e as mulheres acabaram envolvidas em culturas discriminatórias, alimentadas pelo capitalismo em ascensão (Oliveira, 2012).

Nesse escopo, novas discussões sobre reflexos da sociedade capitalista e concepções de progresso econômico em relação às mulheres são urgentes, o que abordagens alternativas ao *mainstream* da administração podem favorecer, oportunizando compreensão sobre desafios da empreendedora, quando a mulher é negra ou indígena, ou, ainda, do norte ou do sul global (Pinto, 2019). Ao analisar estereótipos relacionados as mulheres em propagandas e revistas na perspectiva do pós-estruturalismo (Lopes et al., 2020; Monteiro et al., 2020) e do pós-feminismo (Martins et al., 2017), demonstram ainda ser as representações sobre mulheres importantes desafios, especialmente quando associado à vida profissional.

Pesquisas sobre abordagens feministas decoloniais crescem em quantidade e qualidade (Abdalla & Faria, 2017; Ballestrin, 2017; Lugones, 2008). Estudos sobre empreendedorismo feminismo pós-colonial, ao assumirem crítica ao feminismo tradicional (Moreira & Barros, 2018), problematizam as diferenças de gênero (Ferretti & Souza, 2020), mas, ainda, não aprofundam especificamente a categoria ‘empreendedorismo feminino’ na perspectiva decolonial, em que o processo emancipatório seja a tônica da resistência ao *modus operandi* dessas representações, em perspectiva social, histórica e cultural, desde o processo de classificação de raça e classe social, até à concepção

geopolítica (Espinosa-Miñoso, 2014). Segundo Ribeiro (2020), a decolonialidade articula-se com perspectivas feministas, inclusive ao definir em sua pesquisa ‘empreendedorismo de resistência’, confere à experiência das mulheres ao empreender o caráter emancipatório do fazer laboral cotidiano.

Nesse sentido, a experiência empreendedora assume a possibilidade de transformação, face ao reconhecimento e ao desenvolvimento daqueles que foram negados pela colonialidade, (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres & Grafoguel, 2019; Imas, Wilson & Weston; 2012), ou, de outro modo, estão à margem da sociedade, em função de processos de classificação e exclusão social (Quijano, 2005). Assim, compreender o movimento empreendedor em perspectiva crítica (Ferraz & Sousa, 2022), confere reconhecimento de outras epistemologias, como a feminista, que assume as diferenças, integrando-as na produção de conhecimento, em análise dos aspectos históricos, culturais e geográfico da (s) epistemologia (s) (Mena & Wosniak, 2021).

Analisar a experiência empreendedora na perspectiva de gênero, ainda, situa avançar nos sentidos produzidos pela categoria ‘empreendedorismo feminino’, bem como questões críticas que atravessam essa produção (Calás, Smircich & Bourne, 2009; Ahl & Marlow, 2012). Desde o reconhecimento do *locus* empreendedor como espaço também das mulheres, debates sobre representações associadas às mulheres são oportunizadas pela abordagem crítica-decolonial, em que a diferença supere o *status* da inferioridade, face à garantia de legitimidade e credibilidade ao seu fazer, dizer, ouvir e produzir em que os padrões sejam outros, e não os comparativos ao desempenho masculino (Ahl, 2006; Ahl & Marlow, 2012).

Assim, a presente pesquisa objetiva compreender o empreendedorismo feminino à luz da teoria decolonialidade. Para tanto, compreende-se que essas narrativas podem situar processos sociais em práticas de teor emancipatório, face à resistência, que os desafios dessas experiências podem imprimir em decorrência das questões de gênero. As práticas sociais são compreendidas como maneiras de articulação entre atividades, sujeitos, relações sociais, instrumentos, objetos, tempos, espaços, formas de consciência e valores (Marín, 2012). Além disso, a prática social também é conceituada a partir do seguinte sentido: maneiras reguladas que as coisas podem acontecer, ademais pode conter ações linguísticas e não linguísticas, e estarem inseridas em atividades semióticas (Van Leeuwen, 2008)

Assim, a Análise Crítica do Discurso (ACD), como método da pesquisa, compreende as relações de poder representadas, bem como a maneira que estas são referenciadas às práticas discursivas de uma sociedade (Fairclough, 2001). Com base nas contribuições de Mineiro et. al (2020) e Domingues et. al (2019), releva-se ainda a adesão da ACD no campo dos estudos organizacionais, com importante contribuição aos estudos críticos-

decoloniais. Utilizou-se da ACD, na perspectiva de evidenciar o discurso, o qual reproduz narrativas ideológicas e evidencia a decolonialidade.

Portanto, as etapas conferidas à metodologia ACD, seguem da seguinte maneira: no primeiro momento há a ênfase em um problema social, em seguida, são identificados os obstáculos para que esse problema possa ser resolvido, são considerados se as redes sociais são problemas, há a identificação de soluções possíveis e por fim, é feita uma reflexão crítica entorno da problemática em estudo (Fairclough, 2012). O processo reflexivo dessa metodologia é essencial para sua demonstração crítica e contribuição no aspecto da emancipação social (Fairclough, 2012). Dessa maneira, percebe-se que a análise é realizada entorno dos conflitos percebidos e analisados criticamente nas falas.

A seguir o texto irá abordar a perspectiva desde a virada decolonial ao empreendedorismo feminino em um viés de emancipação da mulher, em seguida, é visto os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, em seguida, a apresentação dos resultados e sua análise, por fim, há a conclusão do presente trabalho.

## 2 DA VIRADA DECOLONIAL AO EMPREENDEDORISMO FEMININO COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO

Desde a expansão do modo capitalista de produção, com importantes impactos sociais, tem-se a definição de primeiro e terceiro mundos, associados à concepção de riqueza, que referencia diferenças entre as nações (Fraser, 2009). Com a globalização, as diferenças são ampliadas, ressaltando padrões de poder entre os países, em referência ao progresso econômico (Quijano, 2005).

Assim, o processo colonial imperialista afirmado pelo capitalismo (Duarte & Gracioli, 2007) e pela ciência ‘moderna’ (Ribas, 2015, Alvarenga et al., 2005) referenciada pelo patriarcado, ou seja, homem, branco, rico, europeu (Hubbard, 1993), confere aos países latino americanos *status* de subdesenvolvimento, face à dependência política, econômica e cultural dos países do Norte global (Semeraro, 2007), desafiando o desenvolvimento dessas nações ‘periféricas’ (Quijano, 1967, Santos, 2000).

As décadas de 1960 e 1970 expressam período em que esses padrões são amplamente questionados, quando movimentos sociais, como as lutas operárias (Tragtenberg, 1986), ações anticapitalistas e anti-imperialistas, opostas à dominação do capital sobre o trabalho (Traspadini, 2014), debatem problemáticas sociais associadas ao que Ramos (1989) apresenta como sociedade centrada no mercado, com impactos na reprodução cultural (Young, 1990). Dentre esses movimentos, está o debate sobre a inteligibilidade dos processos sociais (Porto-Gonçalves & Quental, 2012; Tragtenberg, 2004), ao reconhecer seus atores. Para tanto, a colonialidade do poder, do ser e do saber (Quijano, 2005) são concepções essenciais à lógica das diferenças

socialmente representadas, e de como debater esse poder, inerente ao conhecimento eurocêntrico, confere compreensão sobre diferenças como classificação, exclusão e/ou negação (Silva et al., 2018). A não inteligibilidade, portanto, pode ser expressa como violência epistêmica. Esta, portanto, envolve a destruição das diferentes maneiras de conhecer e difundir saber no mundo, em referência à universalidade do conhecimento, legitimada por uma dada epistemologia, justificada pela ideia de progresso econômico, capitalizada pela premissa da civilização (Santos, 2004).

O giro decolonial, portanto, ao reivindicar problemáticas associadas ao processo colonial, evidencia que a ciência credita às diferenças representações junto aos processos sociais que desafiam conhecimentos à margem da compressão social dominante (Miglievich-Ribeiro, 2020), tema em debate junto às variadas áreas do conhecimento, como, por exemplo, saúde (Albuquerque & Aguiar, 2021), direito (Sobrinho & Pires, 2018) e psicologia (Castro & Mayorga, 2019). Estudos sobre a lógica da diferença socialmente representada em decorrência de desdobramentos do processo colonial, permite variadas análises sobre configurações sociais à ‘margem’ da sociedade (Silva et al., 2018). Pesquisas sobre gênero, nesse caminho, desde a década de 1970 buscam compreender variadas manifestações de violência vivenciadas pelas mulheres na sociedade (Garcia, 2011).

No início do século XIX, em princípio, o movimento feminista reivindica liberdade quanto aos direitos políticos, como a possibilidade de votar e de se eleger a cargos eleitorais, dentre outras questões (Pedro, 2005; Rampton, 2015). Após a Segunda Guerra Mundial observa-se a luta por igualdade entre os sexos, assim como a liberdade econômica e de pensamento das mulheres, período em que o termo ‘gênero’ passou a ser utilizado e os estudos difundidos por pesquisadoras sobre o tema, como Betty Friedan e Simone Beauvoir (Pedro, 2005; Garcia 2011), possibilitando discussões sobre o termo gênero (Morandi, 2017; Torreão, 2007).

Com esses movimentos, conquistas foram alcançadas, porém, alguns desafios permaneciam, levantando novos debates. Entre os anos 1980 e 1990 a terceira fase privilegia a busca pelo reconhecimento da diversidade no próprio gênero feminino (Silva, 2019; Maclaran, 2012). E, na sequência, com as transformações tecnológicas e ampliação do acesso à internet, a questão das mulheres ou do feminismo ganharam maior expressão (Silva, 2019; Wrye, 2009). Em torno desses movimentos, a teoria feminista ganha muitas vozes, desde a defesa dos direitos das mulheres, à problematização da ideia de classe social e raça (Hooks, 2019), denunciando processos de dominação em que a dinâmica de poder e padrões de existência são referenciados na figura masculina (Scott, 1988; Abramo, 2004). Considerando traços longínquos, para Paiva, (1997) e Rago, (1998), a teoria deve recorrer às pesquisas e estudos, e às práticas sociais na perspectiva

de mobilizar transformações à estrutura social definida para gênero, especialmente no âmbito da América Latina (Costa, 2010), inclusive em atenção às demandas plurais, face à realidade de cada país (Ferrara & Carrizo, 2021; Ferrara, 2019).

Da multiplicidade das teorias feministas, a ideia da superação do próprio gênero emerge no Norte global, o que imprime, ainda, a naturalização das diferenças face à subordinação. Nesse caminho, a colonialidade de poder e gênero envolve reduzir o colonizado a imposição das categorias binárias (masculino/feminino, colonizador/colonizado, etc.) (Lugones, 2014). Dessa maneira, uma possibilidade para superar essa eventualidade é a prática de um feminismo decolonial (Araújo, 2020). De acordo com Lugones (2014), a resistência decolonial é o processo de rejeição a essa construção, dessa forma, contrário à omissão da pluralidade que envolve os indivíduos.

Abordagem decolonial da teoria feminista, portanto, deve considerar a própria definição classificatória de ‘gênero’ (Alcoff, 2020), ao passo que a análise dos processos sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos dessa definição precisariam ser superados considerando um movimento emancipatório, com proposições alternativas e novas associações teóricas, metodológicas e epistemológicas. Com isso, epistemologias feministas confere maior sustentação às novas configurações teóricas para o feminismo, ao passo que se parte do reconhecimento de diferentes epistemologias no mundo, face às variadas maneiras de viver e de (re)conhecer (Santos & Meneses, 2009). Nessa perspectiva, Figueiredo (2020) argumenta que a epistemologia feminista precisa assumir a abordagem decolonial, ante à necessidade de aprofundar compreensão sobre séculos de representações violentas associadas às mulheres em consequência dos processos coloniais de dominação masculina.

São elementos de análise para a epistemologia feminista decolonial a relação entre redistribuição e reconhecimento e os conflitos inerentes na busca de novos posicionamentos (Fraser, 2006, 2007); análises sobre política transnacional, ao passo que decisões em um território podem impactar mulheres fora desse limite (Fraser, 2007); as formas de opressão que colocam as mulheres em posições subalternas (Amaral & Naves, 2020). O empreendedorismo, nesse contexto, relacionado à epistemologia feminista decolonial, apresenta cenário para importantes discussões, face ao crescimento das mulheres que buscam empreender por necessidade, como alternativa ao desemprego e à desafios junto ao mercado formal (Cisneros, 2015; Nassif et al., 2009; Sebrae, 2019; IBGE, 2021). Dois fatores contribuíram para esse aumento: o crescimento do setor de serviços e a ampliação da terceirização (Carreira, Ajamil & Moreira, 2001). Além disso, a busca de realização profissional e a ausência de oportunidades de crescimento nas empresas aparecem

como estímulo ao empreendedorismo na pesquisa de Machado et al. (2003).

A abordagem decolonial, portanto, potencializa novas configurações, que problematize a subordinação das mulheres e a comparação de gêneros (Ahl, 2006), com análises críticas a partir do próprio discurso das mulheres (Ahl & Marlow, 2019; Ahl & Nelson, 2015), ampliando a visão que ter sobre os seus papéis e de suas práticas cotidianas de enfrentamento aos desafios, de resistência (Bianco, Lombe & Bolis, 2017), por exemplo, aos discursos masculinos dominantes sobre empreendedorismo (Rose, 1993) e a estética relacionada à imagem masculina e feminina, relacionadas ao sucesso profissional (Teixeira, Perdigão & Carrieri)

Para Ribeiro et al. (2019), empreendedoras de ‘resistência’ são aquelas que buscam superar os desafios associados à condição de gênero, desde a ausência de oportunidade ao não reconhecimento das potencialidades, configuradas como opressão e violência. A experiência emancipatória derivadas de práticas de resistência, ainda, mobilizam outros elementos à análise, como o sentimento de solidariedade, iluminando lutas por reconhecimento cultural e justiça (Spicer & Böhm, 2007). De acordo com Ahl & Marlow (2012), as mulheres empreendedoras ainda vivenciam importantes desafios associados ao gênero, mobilizando análises na perspectiva do enfrentamento crítico de resistência ou de existência, como sugerem Ribeiro et al. (2019), Ribeiro (2020) e Bianco, Lombe & Bolis, (2017).

### 3 MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA

A pesquisa, de caráter documental e observacional, possui como objetivo a construção de novos conhecimentos, bem como novas articulações acerca do empreendedorismo feminino decolonial. Além disso, busca-se novas formas de compreensão do fenômeno estudado e como estão acontecendo (Sá-Silva, Almeida & Guindani, 2009).

Na perspectiva da abordagem qualitativa compreensiva, Minayo (2014), apreendem-se interpretações das vivências das mulheres empreendedoras com maior complexidade, resultando em informações mais específicas sobre o contexto a qual estão inseridas.

O *corpus* da pesquisa foi formado por 08 vídeos agrupados em uma websérie realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), disponibilizados na internet, por meio da plataforma *Youtube* e no site do Sebrae (Tabela 1). Esses vídeos foram produzidos em 2020 e 2021 com a iniciativa do time Sebrae Delas, em parceria com a comunidade Empreendedoras do Vale, cuja missão é a transformação de vidas femininas no Vale do São Francisco, e com a rede de mulheres empreendedoras (RME), que nasceu visando fomentar o protagonismo feminino no empreendedorismo.

**Tabela 1**

Websérie Sebrae Delas

Vídeo 1 - Sebrae Delas Diferentes negócios, uma realidade em comum. 5':53"	Vídeo 2 - Sebrae Delas Que ideias limitam? 3':35"	Vídeo 3 - Sebrae Delas Redes de apoio 3':37"	Vídeo 4 - Sebrae Delas O futuro a todos pertence 3':38"
Vídeo 5 - Sebrae Delas Culpa materna e empreendedorismo 5':16"	Vídeo 6- Sebrae Delas Síndrome da Impostora: o que é e como superar 5':19"	Vídeo 7- Sebrae Delas Mulheres e Finanças 5:40"	Vídeo 8- Sebrae Delas Empreender com @ companheir@, dá certo? 6':01"

Fonte: Websérie Sebrae Delas. Ano 2021. Disponíveis no Youtube ([https://www.youtube.com/playlist?list=PLnPmdll4EGt1O-IsA6\\_1T2b-zvN88lvwl](https://www.youtube.com/playlist?list=PLnPmdll4EGt1O-IsA6_1T2b-zvN88lvwl)).

A websérie *Sebrae Delas* possui, em dezembro de 2021, duas temporadas, além de outros vídeos que abordam temas importantes para as empreendedoras, como as redes sociais, inclusive com orientações para auxiliar essas mulheres. Com a seleção dos vídeos, os mesmos passaram pelo processo de transcrição, preservando a identidade dos envolvidos, identificando-os pelas iniciais de seus nomes (Tabela 2).

**Tabela 2**

Descrição das participantes/atividades

SebraeDelas		
Temporada	Iniciais	Sector de Atuação
Temporada 1	H.	Ramo de Beleza
Temporada 1	M.	Grupos de Mulheres
Temporada 1	L.	Inovação e Tecnologia
Temporada 1	T.	Corte e Costura
Temporada 1	K.	Agropecuária
Temporada 1	C.	Refeições Coletivas
Temporada 1	A.	Festas
Temporada 1	C.	Informática
Temporada 1	L.	Alimentação
Temporada 2	A.	Startup liderada por mulheres
Temporada 2	G.	Cursos Profissionalizantes
Temporada 2	N.	Empresa de Cosméticos
Temporada 2	C.	Soluções financeiras para mulheres
Temporada 2	C.	Manutenção residencial
Temporada 2	C.	Startup de Tecnologia
Temporada 2	P.	Fraldas ecológicas
Temporada 2	M.	Cafeteria e Floricultura
Temporada 2	L.	Inteligência Artificial

Fonte: Websérie Sebrae Delas. Ano 2021. Disponíveis no Youtube ([https://www.youtube.com/playlist?list=PLnPmdll4EGt1O-IsA6\\_1T2b-zvN88lvwl](https://www.youtube.com/playlist?list=PLnPmdll4EGt1O-IsA6_1T2b-zvN88lvwl)).

Sobre estudos observacionais, com uso de vídeos para a realização de pesquisa, por exemplo, são recomendados por Flick (2009), inclusive para analisar transformações sociais, e observar a conduta dos fenômenos da vida cotidiana, como foi realizada a pesquisa de Matos et al. (2012) sobre o comportamento empreendedor à luz do filme *Mauá – o Imperador e o Rei*. Sob outra perspectiva Denzin (2004) afirma que a interpretação de um vídeo pode seguir de diversas maneiras, sem existir forma correta, pois as interpretações serão permeadas por subjetividades do pesquisador.

Denzin (2004), ainda, estabelece etapas para a análise dos vídeos, formado por quatro passos: (i) assistir os vídeos, observando de forma geral; (ii) focar no objetivo de pesquisa, e assim observar as respostas que devem ser descobertas nos vídeos; (iii) buscar a realização de microanálises, estabelecendo padrões nas falas, a partir

das categorias que correspondem ao processo de contenção do texto às expressões significativas (Minayo, 2014) derivadas de uma elaboração racional (Saint-Pierre, 2004); (iv) por fim, buscar a resposta de pesquisa de forma objetiva, a partir das categorias, as quais são estabelecidas para análise.

Para a análise de resultados, utiliza-se a análise crítica de discurso (ACD), que ao considerar a realidade, proporciona novas formas de leitura, com a perspectiva de demonstrar valores subjacentes aos discursos (Gabrielli, 2019). A abordagem da ACD compreende o discurso como prática social, com ênfase em análises voltadas às transformações na sociedade contemporânea, através das relações estabelecidas.

Questões como racismo, discriminação de grupos minoritários e diferenças de gênero são alvo de debates no contexto da ACD (Fairclough, 2001). Além disso, a ACD permite análise das relações dialéticas entre semioses e outros elementos das práticas sociais (Fairclough, 2001), atuando da seguinte forma: i) como parte da atividade social inserida em uma prática, e.g. o trabalho de um vendedor de sapatos ao utilizar uma linguagem específica; ii) como representações, mesclando aquelas em que estão inseridos com a de outras e iii) e como desempenho das posições particulares, que podem ocorrer com distinções, tendo em vista as diferentes classes sociais, nacionalidades, sexo, etc.

Para desenvolvimento das análises, as narrativas serão apreciadas com suporte no modelo tridimensional da ACD, que contempla no discurso a presença de três aspectos: o texto, a prática discursiva e a prática social. Em relação à análise textual, será realizada a identificação do que é dito (falado, narrado); posteriormente, na análise da prática discursiva, a identificação da coerência e da força dos enunciados; por último, na análise da prática social serão estabelecidas categorias para identificar os acontecimentos e práticas, face ao contexto vivenciado, presente nos relatos das empreendedoras (Magalhães, 2001; Costa, Barros & Martins, 2012; Fairclough, 2001).

A análise tridimensional possibilita compreensão do discurso, ao considerar o texto em referência à prática discursiva e à social, bem como, a capacidade de compreender o objeto estudado e assim engajar-se nos problemas da sociedade. Assim, ACD contribui com análises próximas aos debates críticos, ao compreender discurso como prática social em possibilidade de transformações dessas práticas por reconhecimento ou inteligibilidade a outros discursos. (Magalhães, 2001).

#### 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O ‘Sebrae Delas’ é um projeto que oferece suporte às pequenas empresas lideradas por mulheres empreendedoras, por meio de oficinas, *workshops* e *networking*. As mulheres que fazem parte do público do projeto são empreendedoras de pequeno porte, com faturamento até R\$ 4,8 milhões, com ideias inovadoras e que estão em busca de escalonamento ou redesenho do negócio. Como eixo do programa, surgiu a *websérie* ‘Sebrae Delas’, com a proposta de apresentar algumas das histórias dessas mulheres empreendedoras e suas experiências pessoais e profissionais.

Para ilustrar e sintetizar as falas extraídas da *websérie*, pode-se visualizar narrativas selecionadas em oito dimensões, ou categorias, termo originado através da leitura de Minayo (2014), sendo: as mulheres na sociedade; as mulheres profissionais; rede de mulheres; não-resistências; adversidades; necessidade de reconhecimento; papel do homem; classificação social e resistência (Tabela 3). Além disso, a percepção de pontos em comum nas informações contidas nas categorias possibilitou a indexação em metacategorias, cujo termo originado por Jiménez, Flores e Gómez, reflete a abstração teórica em convergência à definição empreendida a partir de um dado conjunto de categorias (Jiménez, Flores & Gómez, 1994).

**Tabela 3**

Websérie Sebrae Delas

<b>Categoria</b>	<b>Narrativa</b>	<b>Concepções</b>
As mulheres na sociedade	E quando nasce uma mãe, nasce também uma culpa, fato não tem como fugir disso.	Culpa
	Quando engravidei da Júlia, que hoje está com dois anos, é... eu logo pensei né, na idealização da maternidade, achei que seria muito tranquilo tipo ser mãe, maternar e empreender, e a realidade não foi essa, me senti praticamente tendo dois puerpérios ao mesmo tempo, o da minha filha e da empresa, mas a gente vai vencendo essas etapas diariamente.	Conciliação
	O primeiro obstáculo que eu encontrei foi linha de crédito.	Obstáculo
	principalmente porque a mulher ela é vista como sexo frágil ainda pela sociedade, nós mulheres estamos atribuídas com uma série de funções	Sexo frágil
	Historicamente nós temos amarras sociais que a sociedade impôs para mulher onde a liberdade estava dependente do homem né então já é um desafio isto, impossível não é nós temos o poder e a mulher ela pode estar onde ela quiser	Poder
	Eu acredito que pro Futuro nós vamos ter um espaço muito maior ainda das mulheres, existe um caminho a ser trilhado daqui para frente	Poder
	Esse apoio masculino, ele é muito importante quando você nasce mulher parece que você nasce precisando ter a aprovação de alguém o tempo todo	Aprovação
As mulheres profissionais	Eu acredito que essa questão do Burnout ela tá muito ligada o que a sociedade espera da mulher né... é como se a mulher, é... fosse mãe sem precisar trabalhar e trabalhasse como se não fosse mãe, é uma conta que não fecha.	Aprovação
	Quando eu comecei a trabalhar, eu fui demitida porque eu não aceitei um assédio.	Assédio
	Em diversas situações assim seja no cálculo, ah essa mulher não sabe fazer um cálculo direito, então deixa eu pegar essa conta que ela fez e deixa eu passar para um homem, né o supervisor alguma outra coisa para ela saber se fez direito.	Aprovação
	Nós mulheres mandamos muito bem nas ciências exatas sim, mas a gente não é incentivada a estar nessa área...	Habilidade
	Foi aonde eu fui buscar empréstimos, buscar soluções, buscar financiamentos para eu meter a cara e começar, 24 meses eu pagaria as dívidas e acho que consegui fazer com que esse meu planejamento reduzisse em 15 meses, eu basicamente já tinha quitado, o que eu ganhava como funcionária e o do que hoje eu tenho como franqueada eu acho que dá para a gente colocar uns 1000% aí.	Evolução
	O cliente me ligava e falava assim ah eu compro tanto, e aí eu nem pensava, eu falava eu preciso vender, precisa entrar dinheiro aqui, e eu tenho que fazer esse preço então, eu fazia o preço que o meu cliente falava	Evolução
	E aí foi assim, totalmente inesperado porque nós conseguimos, vendemos um insumo que é matéria-prima do álcool gel, a gente ficou muito grato né ao projeto, porque conseguimos estar preparado para esse momento, com as finanças em dia, para conseguir manter a empresa.	Habilidade
Eu falei meu Deus não vou dar conta desse tanto de conta, e na época não tinha sistema, era tudo manual	Insegurança	
Rede de mulheres	O que eu fiz foi criar o engajamento com outras mulheres que pudessem me ajudar a realizar esse sonho então as cozinheiras, auxiliares e as nutricionistas que foram agregadas ao...a... nossa empresa elas vieram motivadas com esse sonho de fazer com que aquilo crescesse e desse certo, todos imbuídos no mesmo propósito	Motivação
	E aí a gente começa a se enxergar enquanto potência sabe... cada mulher ver que a outra mulher é muito forte, então a gente vai se sustentando junto e é muito forte mesmo, é muito poderoso.	Poder
	Eu comecei a entender enxergar a importância de nós mulheres apoiarmos outras mulheres para que caísse por terra todas essas crenças limitantes e que sim, a gente encontrasse em outra mulher e principalmente em rede de mulheres apoio para que a gente realizasse os nossos sonhos e entendesse a potência que nós somos.	Apoio
	E olha...quando as mulheres se unem e se apoiam eu acho que o céu é o limite	Apoio
Eu acredito que a importância dessa rede de mulheres, ela é muito interessante, é muito grande porque ela promove encontros e promovem realmente, é relacionamentos até comerciais, além das amizades que a gente faz, o networking.	Networking	

	Tem a outra a outra amiga que faz bolos e aí eu vou, vou participar de um evento, então eu convido essa minha amiga e assim a gente fortalece a rede né. A partir do momento em que a mulher ela se conecta seja em qualquer rede, ela se torna mais forte, ela se torna também mais relevante para a comunidade para a sociedade e automaticamente ela deixa o protagonismo, ou seja, a força dela a história dela e o legado dela reverberar para fortalecer e para encorajar outras mulheres também.	Networking Poder
Não-resistências	Esses vetos, é... podam asas né, porque você tem que se moldar do jeito que outras pessoas querem e será que isso vai te trazer satisfação, prazer e vontade de continuar? Gostaria de ver mercado de trabalho no futuro onde realmente as pessoas conseguissem enxergar além de uma função, de uma atividade e chegasse competências, habilidades. Com a pandemia e a gente teve aí mais sobrecarga né.	Imposição da diferença Poder Aceitação
Adversidades	Eu acredito muito que as crenças limitantes elas paralisam as pessoas, você passa a acreditar que não é capaz, que não vai dar conta. Eu escutava muito coisa de menino, coisa de menina, muito!  A importância dos homens é entenderem esse espaço, respeitarem e permitirem esse crescimento, é que não estamos querendo disputar nada com ninguém, a ideia é agregar, e que a gente possa caminhar juntos. Assumir quando eu não sei fazer, dizer que eu não sei fazer eu descobri que isso aos poucos vai dando mais segurança para mim e para as minhas clientes também.	Poder Imposição da diferença Harmonia Reconhecimento e aceitação
Necessidade de reconhecimento	Fiz um pitch em inglês para mais de 300 pessoas e ao final ganhou o primeiro lugar, e aí começou a me dar uma sensação de pânico, um ataque porque eu tava com aquele medo do que seria depois, o que viria, será que teria capacidade e potencial de dar sequência naquilo, e aí ele só me olhou e falou porque que não aproveita o momento, e aquilo foi literalmente um tapa na cara. E uma vez eu instalei um ventilador de teto e o ventilador não funcionou, eu acreditei que o erro fosse meu né, e reví o manual de instruções, olhei tudo de novo e aí até que eu tive que tomar coragem de falar para cliente, falar “Olha eu acho que o ventilador tá com defeito e tem que trocar”, o ventilador de fato estava com defeito, mas assim acho que eu fiquei umas três noites sem dormir pensando nesse ventilador, que eu tinha fracassado em instalar. Respiro, paro, e eu sou importante sim né, se eu não tivesse dado um passo lá atrás a gente hoje não estaria aqui e aí eu tento não potencializar isso. E a perceber que existe sim a capacidade da mulher de lidar com esses números, de tratar com eles no dia a dia, porque a gente faz isso naturalmente, mas a gente corre quando falar que isso é formal, é profissional e que a gente precisa... né no nosso dia a dia. Eu preciso desse apoio e eu fico trabalho muito mais disposta, muito mais feliz, quando tenho o apoio dele	Legitimação masculina Reconhecimento e aceitação Insegurança Reconhecimento e aceitação Legitimação masculina
Papel do Homem	Se tem alguém que é muito importante na hora de apoiar as mulheres a combater preconceitos culturais essa pessoa se chama homem, é verdade gente, eles podem ajudar a construir uma sociedade melhor para todo mundo fazendo uma divisão equilibrada das tarefas domésticas e apoiando as mulheres e seus negócios Eu incentivo muito ela, é... naquilo que ela gosta, que ela ama fazer e a gente divide várias tarefas e um complementa o outro, então isso é muito importante. É um paraíso, porque ele me ajuda demais nas tarefas domésticas, eu tenho que fazer uma reunião atrás da outra, tem hora que eu tenho 11 reuniões em um dia, então fico frenética no montão de reunião e na hora que eu vejo, tem um almoço pronto, ele me ajuda, não me deixa esquecer de comer, então ele me ajuda para caramba no dia a dia. Então trabalhar juntos tem sido um desafio, mas acima de tudo tem sido um aprendizado enorme, a gente tem crescido juntos, trocado experiências e isso vem agregando muito, não só na parte profissional como em casa e como pessoas, e isso me ajuda bastante e ajuda nos negócios, as pessoas percebem isso.	Legitimação masculina Parceria Parceria Parceria
Classificação Social	Por uma questão social é mais difícil para uma mulher preta empreender, inclusive porque a maioria das mulheres, elas começam a empreender por necessidade né, se a gente for olhar a pirâmide social, a mulher está na base da pirâmide, a mulher preta está na base lá embaixo. Eu percebi que por ser mulher, as pessoas não acreditaram muito naquele sonho até porque no ramo de alimentação as grandes empresas são todas dominadas, a maioria delas por homens né, mas eu quis empreender e eu acreditei As pesquisas mostram aqui os investidores... É primeiro que eles conversam de uma forma diferente né do homem com a mulher, as perguntas são outras e que o nível de grana é que vai para mesa é maior para homens do que para mulheres Às vezes a gente brinca assim que a gente nasceu para casar, para cuidar da casa, para ter filhos, mas por que isso foi o que a minha mãe aprendeu e que ela passava porque ela sabia que a gente precisava saber disso para se virar.	Hierarquia das diferenças Imposição Legitimação masculina Convenções
Resistência	Quando a mulher erra existe uma cobrança muito maior ela tem que provar né toda a sua capacidade e realmente é mais difícil Porque você tem que mostrar cinco vezes mais a sua capacidade e cinco vezes mais a sua persistência e cinco vezes mais ganhar a confiança dos clientes, dos profissionais Você não é capaz de montar uma estrutura, você não é capaz de dirigir um caminhão, você não é capaz de levar carga de modo seguro... Meu marido mesmo quando eu comprei a loja ele falou, não vai conseguir, falei eu vou mostrar que eu consigo, na verdade hoje ele é meu fã, ele sabe que eu consegui isso com meu esforço. Eu não admito tá? Um futuro assim com salário diferente para mulheres e homens.	Esforço e Pressão Esforço e Pressão Esforço e Pressão Reconhecimento Poder

Fonte: Elaborada pelo(s) autor(e)s – A partir da Websérie ‘SebraeDelas’. Ano 2021.

Com a definição das narrativas e das categorias, a partir das falas transcritas da *Websérie* ‘Sebrae Delas’, pode-se observar a incidência de um número maior de falas nos aspectos das mulheres na sociedade, mulheres profissionais e rede de mulheres. Ademais, pode-se verificar a incidência de aspectos relacionados à discussão sobre poder, legitimação masculina, esforço e pressão social. Com essa observação geral, segue-se a análise crítica dos discursos.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O feminismo decolonial direciona para uma repartição da representação das mulheres na sociedade, dado as diferenças entre classes sociais e raça, além disso, um feminismo de resistência propõe uma reconstrução epistemológica, revalidando a posição vivenciada pelas mulheres (Lugones, 2008). Um feminismo de resistência visa a um enfrentamento das situações atuais, e como uma possibilidade às novas realidades, presente nos aspectos que tratam de discursos e práticas sociais de enfrentamento.

Para a discussão da pesquisa foram divididos em três metacategorias, conforme definição de Jiménez, Flores & Gómez (1994), que convergem com as narrativas observadas na transcrição, sendo eles: i) Sociedade e gênero; ii) reconhecimento e iii) descontinuidade.

**Tabela 4**  
Metacategorias e categorias da pesquisa

<b>Categoria</b>	<b>Aspectos</b>
1. Sociedade e gênero	As mulheres na sociedade
	As mulheres profissionais
	Rede de mulheres
	Não-resistências
2. Reconhecimento	Adversidades
	Necessidade de reconhecimento
	Papel do Homem
3. Descontinuidade	Classificação Social
	Resistência

Fonte: Elaborada pelos autores.

A primeira metacategoria ‘Sociedade e gênero’ envolvem alguns aspectos, como, por exemplo, as ‘mulheres na sociedade’, as ‘mulheres profissionais’, ‘rede de mulheres’ e ‘não-resistências’. Para a discussão, é considerável salientar que a conciliação do trabalho com a família envolve variados conflitos, que perpassam a culpa pelo tempo despendido ao trabalho, com diminuição do tempo disponibilizado aos filhos (Strobino & Teixeira, 2014).

Ademais, a idealização da maternidade é um dos fatores de pressão para as mães que precisam conciliar suas rotinas, porém, o peso de duas tarefas que consomem de forma intensa, não permite um equilíbrio ‘perfeito’ (Teixeira & Bonfim, 2016), levando a um processo doloroso, representado por julgamentos, muitas vezes realizados por pessoas próximas. De acordo com Strobino & Teixeira (2014), empreendedoras priorizam o controle de suas emoções, a fim de distanciar os problemas da organização de seus lares.

Ao tratar sobre os aspectos do cotidiano das mulheres empreendedora, conforme o trecho relacionado à palavra motivação, observa-se que há ênfase ao dialogar sobre a importância dada à rede de mulheres, e como estas podem fornecer apoio umas às outras, além disso, de acordo com Ribeiro et al., (2019), a rede de mulheres, no contexto de movimento, é pertinente ao oportunizar novos espaços, com abrangência de limites ao experienciar as práticas feministas de resistência.

Como um processo naturalizado às mulheres, há ainda as práticas que podemos situar nesta pesquisa como ‘não-resistências’, as quais são identificadas nas narrativas. Ao reconhecerem para si os papéis conferidos pela sociedade, as mulheres indicam os estereótipos de uma sociedade moldada pelo patriarcalismo. Ademais, o anseio pelas mudanças em um longo prazo demonstra ainda a insatisfação com a realidade atual, bem como, a dificuldade na visualização por transformações imediatas. Não-resistir aqui significa compreender que a realidade de grande parte das mulheres ainda é vivenciada através dos estereótipos.

‘Reconhecimento’ é o termo adotado para a segunda metacategoria, que configura aspectos da relação entre poder e as mulheres, o qual é conferido uma representação mais significativa ao gênero masculino (Scott, 1988). Ademais, nessa situação o poder é baseado nas relações de hierarquia, sobretudo entre o masculino e feminino (Almeida, 2011) e a aprovação baseada no patriarcado, conforme definição de Garcia (2011). Nessa discussão têm-se que a história das mulheres é permeada pelo patriarcalismo, o qual é baseado na concepção da dominação do homem sobre as mulheres, e, além disso, seu surgimento decorreu-se do apoderamento histórico de poder (Garcia, 2011), conforme visto na fala do aspecto da imposição da diferença. Portanto, de acordo com Scott (1988), um posicionamento feminista crítico baseia-se em uma recusa à realidade construída socialmente, e busca uma igualdade, a qual é permeada pelas diferenças que são inerentes aos gêneros

De acordo com Sebrae (2019), as mulheres buscam em maior número o empreendedorismo pela necessidade, no entanto, geralmente, elas não são incentivadas aos negócios, e nem a permanecer inserida neles (Mathew, 2010), como é visto nas narrativas categorizadas sobre reconhecimento e aceitação.

Nesse caminho, as mulheres vêm ganhando destaque ao tratar sobre empreendedorismo (Cisneros, 2015), ressaltando diferenças relacionadas ao gênero que impactam em larga escala a desigualdade de renda e o acesso a oportunidades (Abramo, 2004), conforme visto na Tabela 3, no aspecto da hierarquia das diferenças. Ademais, espera-se que as mulheres inseridas no mercado de trabalho tenha traços compatíveis à sua personalidade dada como ‘universal’ (Winn, 2005), porém, quando posicionadas em funções de liderança ou trabalhos considerados socialmente ‘masculinos’, estas podem sofrer algum tipo de assédio, pela não aceitação das diferenças e da descredibilização da competência feminina para aquela



função (Morandi, 2017), portanto, as estruturas estabelecidas socialmente, no que tange ao gênero, são demarcadas pelo processo da resistência aos modelos patriarcais, difundidos pela lógica colonial eurocêntrica centrada no homem branco.

Considerando os discursos sobre a categoria parceria, no entanto, têm-se que o apoio fornecido pela figura do homem, seja como marido, filho ou pai, releva-se importante ao incentivar o processo de empreender das mulheres. O discurso de dominação masculina é instituído através das relações sociais pautadas pela divisão entre gêneros (Scott, 1995), além disso, os atos masculinos, mesmo em configurações violentas, soam como eufemismo em relação à herança histórica de uma sociedade ainda patriarcal (Oliveira, 2012). Portanto, com base nas narrativas pode-se perceber a necessidade da afirmação de um discurso masculino, seja para ratificar ou garantir que as decisões estejam ‘corretas’, e assim, possam permanecer, bem como, garantir uma sensação de conforto perante às situações de adversidade, como legitimação masculina.

Com a finalidade de reconhecer a necessidade enfrentamento ao processo patriarcal percebido no cotidiano das mulheres, a terceira metacategoria é a descontinuidade. Com esta, observa-se ser necessário compreender que no contexto do feminismo as mulheres atravessaram períodos históricos marcadas por restrições (Rago, 1998), o que favoreceu a ampliação de crenças sociais, ou estereótipos, que limitam o seu fazer cotidiano em tarefas não creditadas às funções femininas, enfatizado pelas narrativas sobre hierarquia das diferenças, em que estas situam a ‘naturalidade’ das funções sociais desempenhadas.

Nesse caminho, a imposição às mulheres em discussão crítica é conferida pelo estabelecimento de atividades socialmente construídas como universais aos homens e outras atividades às mulheres (Strobino & Teixeira, 2014). Ademais, esses fatores podem influenciar na (in) capacidade dessas mulheres, que dado o histórico, encontram-se mais fragilizadas quanto ao seu real potencial frente às demandas sociais (Torreão, 2007). Um sistema de classificação social, portanto, é permeado por categorias dominantes que levam à opressão, sejam por intermédio do gênero, raça ou classe, reverberando, portanto, em enfrentamentos expressos pela insubordinação às imposições colonizadoras (Espinosa-Miñoso, 2014; Alcoff, 2020). O feminismo decolonial, nesse caso, permite reconhecer a dificuldade de mulheres e feministas, como, por exemplo, afrodescendentes e indígenas, que vivenciam condições de invisibilidade no próprio movimento feminista, enfatizando a experiência de resistência em suas comunidades (Espinosa-Miñoso, 2014).

A naturalização do papel das mulheres em sociedade como ‘dona de casa’, por sua vez, historicamente leva à desafios relativos à vida profissional das mulheres, ao passo que os movimentos feministas abordam os principais aspectos dessas diferenças impostas entre o gênero

masculino e feminino, com a finalidade de descontinuar os atos de inferiorização das mulheres.

A descontinuidade, portanto, revela narrativas convergentes com um dado momento histórico em que a resistência aos processos de classificação social e suas consequências para a vida profissional e social das mulheres emergem dos discursos como práticas sociais. Assim, resistências convergem com o processo político em que a classificação é referida ao contexto histórico, econômico, político e social de caráter colonial, com a necessária luta por novas narrativas à definição do ser mulher na sociedade, em que outras epistemologias possam ser reconhecidas, credibilizadas e legitimadas.

Pode-se observar nos discursos sobre a ‘resistência’, o conceito classificatório do trabalho conferido aos homens e às mulheres. Como enfrentamento à condição feminina, surge a rede como estratégias de movimentos feministas (Spicer & Böhm, 2007), considerando o fortalecimento dos discursos e das práticas que reivindicam outras narrativas, potencializando outras configurações face à classificação, e, assim, tecendo processos decoloniais em atenção ao movimento crítico feminista. Portanto, interações sociais possibilitam um espaço onde as expectativas são alinhadas e reforçadas, como resistência, ocorrendo no empreendedorismo visando uma maior paridade de gênero (Bianco, Lombe & Bolis, 2017). Como resultado dessas considerações, pondera-se o papel do empreendedorismo alinhado ao processo de resistir das mulheres, em uma sociedade de histórico colonial e práticas sociais e institucionais de ainda marcadas pelo patriarcalismo eurocêntrico.

## 6 CONCLUSÃO

A pesquisa empreende de uma análise crítica das narrativas da *Websérie* do Sebrae, que possui como temática o empreendedorismo feminismo. Portanto, intentou-se compreender as narrativas das mulheres empreendedoras à luz da teoria decolonial. O estudo sobre o empreendedorismo feminino demonstrou a participação feminina ativa e intensa nos negócios, seja em liderança ou em parceria.

Após considerações às análises, conforme Minayo (2014), oito categorias emergiram, sendo: as mulheres na sociedade; as mulheres profissionais; rede de mulheres; não-resistências; adversidades; necessidade de reconhecimento; papel do homem; classificação social e resistência, inclusive, em atenção à Jiménez, Flores & Gómez (1994), com a síntese dessas falas, observou-se ainda a existência de pontos em comum, possibilitando a união em metacategorias, sendo: sociedade e gênero; reconhecimento e descontinuidade.

Conforme a divisão ‘naturalizada’ entre homens e mulheres, observa-se que as características relacionadas à cada gênero apresenta-se distintas e individuais. Das discussões observa-se que o empreendedorismo feminino centraliza os debates, tendo em vista que a imagem das mulheres inserida na sociedade ainda é representada como

sexo frágil, mesmo que ela esteja imersa em variadas atividades, essas reflexões podem transparecer pelas mulheres como ‘não-resistências, em práticas envoltas pela influência de uma sociedade patriarcal.

Com isso, observa-se a importância da rede de mulheres como uma maneira de potencializar o enfrentamento cotidiano à classificação, por meio do fortalecimento de discursos e práticas sociais concebidos como decoloniais, permitindo engajamento em um mesmo propósito para que seus negócios possam alavancar, além disso, prezando pela manutenção, com o intuito de fornecer estabilidade para essas mulheres.

Nessa discussão, o processo de empreender por necessidade é revelado em números importantes pelas mulheres, afetadas pelo processo social que legitima a diferença entre os gêneros, por isso, esforços demandados pelo homem, na posição de esposo, filho, pai, entre outros, é revelado como um aspecto de facilita esse processo. Portanto, inserido ao processo de legitimação do papel das mulheres na sociedade, pode-se visualizar o caráter de resistência conferido ao que é praticado em seus negócios cotidianamente, seja através de uma atitude em resistir frente à adversidade, como em uma profissão considerada masculina. Conforme analisado, as mulheres são solicitadas de maneira contundente a ‘provar’ sua capacidade, por isso, a reflexão atribuída é quanto ao futuro das mulheres.

A pesquisa baseou-se em estudos com mulheres empreendedoras de uma *Websérie*, em que edições podem conferir mudanças na produção das falas, desafiando análises que privilegiem elementos críticos das narrativas. Além disso, o conjunto de mulheres dos vídeos demonstram assumir narrativas de enfrentamento, reforçado pelo próprio movimento da rede em que estão inseridas, o que pode, em produção de vídeos gravados, obstaculizar comunicações mais espontâneas, com maior potencial de representação para abordagens de teor crítico.

Embora as limitações, o conteúdo demonstra pontos críticos importantes para ampliação de pesquisa sobre a concepção gênero, em especial pela demanda ampla das mulheres ao empreendedorismo, face aos contextos social e econômico que demandam maior participação na renda que desafia as funções imputadas ao feminino. Assim, pesquisas futuras a ampliação dessa discussão com mulheres empreendedoras em variados segmentos e modelos organizacionais, e, assim, prosseguir com uma discussão sobre as dificuldades até suas possíveis estratégias frente aos desafios cotidianos.

## REFERÊNCIAS

- Abdalla, M. M., & Faria, A. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cadernos Ebape.Br*, 15, 914-929. <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>
- Abramo, L. (2004). ¿ Inserción laboral de las mujeres en América Latina: una fuerza de trabajo secundaria? *Revista Estudos Feministas*, 12, 224-235. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200013>

- Ahl, H. & Marlow, S. (2012). Exploring the dynamics of gender, feminism and entrepreneurship: Advancing debate to escape a dead end? *Organization*, 19(5), 543-562. <https://doi.org/10.1177/1350508412448695>
- Ahl, H. & Marlow, S. (2019). Exploring the false promise of entrepreneurship through a postfeminist critique of the enterprise policy discourse in Sweden and the UK. *Human Relations*, 74(1), 41-68. <https://doi.org/10.1177/0018726719848480>
- Ahl, H. & Nelson, T. (2015). How policy positions women entrepreneurs: A comparative analysis of state discourse in Sweden and the United States. *Journal of Business Venturing*, 30(2), 273-291. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2014.08.002>
- Ahl, H. (2006). Why research on women entrepreneurs needs new directions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 595-621. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00138.x>
- Albuquerque, R. M. M., & Aguiar, J. M. B. (2021). Espaço da casa, cenário da morte: Uma abordagem interseccional sobre os feminicídios no estado do Piauí no contexto da pandemia. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 12(2), 93-115. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.12.i2.0006>
- Alcoff, L. M. (2020). Decolonizando a teoria feminista. *Libertas: Revista de Pesquisa em Direito*, 6(1), e-202001.
- Almeida, J. S. (2011). As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. *Série Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, 31, 165-181.
- Alvarenga, A. T., Sommerman, A. & Alvarez, A. M. S. (2005). Congressos internacionais sobre transdisciplinaridade: Reflexões sobre emergências e convergências de idéias e ideais na direção de uma nova ciência moderna. *Saúde e Sociedade*, 14(3), 9-29. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902005000300003>
- Amaral, I. G., & Naves, F. (2020). O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: O papel dos coletivos na ótica do feminismo decolonial. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 7(1), 151-184. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n1.305>
- Araújo, M. B. (2020). Covid-19 nas favelas Cariocas: A resistência decolonial das mulheres de Rio das Pedras no enfrentamento da pandemia. *Inter-Legere*, 3(28), c21578. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21578>
- Ballestrin, L. M. D. A. (2017). Feminismos subalternos. *Revista Estudos Feministas*, 25(3), 1035-1054. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1035>
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (2019). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (2 ed.). São Paulo: Autêntica.
- Bianco, M. E., Lombe, M. & Bolis, M. (2017). Challenging gender norms and practices through women’s entrepreneurship. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 9(4), 338-358. <https://doi.org/10.1108/IJGE-10-2017-0060>
- Calás, M. B., Smircich, L., & Bourne, K. (2009). Extending the Boundaries: reframing “entrepreneurship as social change” through feminist perspectives. *Academy of Management Review*, 34(3), 552-569. <https://doi.org/10.5465/amr.2009.40633597>
- Carreira, D., Ajamil, M., & Moreira, T. (2001). *Mudando o mundo: A liderança feminina no século 21*. São Paulo: Cortez.
- Castro, R. D., & Mayorga, C. (2019). Decolonialidade e pesquisas narrativas: Contribuições para a Psicologia Comunitária. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(3), 1-18.
- Cisneros, M. E. E. (2015). Desempeño de nuevos negocios: Perspectiva de género. *Contaduría y Administración*, 60 (2), 468-485. [https://doi.org/10.1016/S0186-1042\(15\)30010-3](https://doi.org/10.1016/S0186-1042(15)30010-3)

- Costa, A. M. D., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2012). A alavanca que move o mundo: O discurso da mídia de negócios sobre o capitalismo empreendedor. *Cadernos Ebape.Br*, 10(2), 357-375. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000200007>
- Costa, C. L. (2010). Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. *Fragmentos*, 39, 45-59.
- Denzin, N. K. (2004). Reading Film: Using photos and video as social science material. In U. Flick, E. V. Kardoff & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 81-87). London: Sage.
- Domingues, F. F., Silva, F. R., & Vasconcelos, M. E. S. M. (2019). Meu corpo minhas regras: Uma análise crítica do discurso midiático a respeito da PEC 181/2015. *X Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO*. Fortaleza, Brasil, 10.
- Duarte, P. H., & Gracioli, E. (2007). A teoria da dependência: Interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina. *V Colóquio Internacional Marx/Engels*, Campinas, Brasil, 5.
- Espinosa-Miñoso, Y. (2014). Una crítica decolonial a la epistemología feminista crítica. *El Cotidiano*, 184, 7-12.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social* (1 ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Ferrara, J. A. (2019). *Literatura, gênero e política na América Latina: Conexões entre Pagu e Blanca Luz* (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora. Minas Gerais, Brasil. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9340>
- Ferrara, J. A., & Carrizo, S. L. (2021). Caminhos para um feminismo decolonial. *Cadernos Pagu*, 62. <https://doi.org/10.1590/18094449202100620029>
- Ferraz, J. M., & Souza, B. S., Neto. (2022). Estudos críticos em empreendedorismo. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 7, 1-5.
- Ferretti, A. S. Z., & Souza, E. M. D. (2020). Resistir para existir: Compreensão dos discursos sobre gênero e empreendedorismo a partir de uma perspectiva crítica. *XLIV ENCONTRO DA ANPAD*, online, 44.
- Figueiredo, A. (2020). Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Revista Tempo e Argumento*, 12(29), e0102. <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa* (3 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fraser, N. (2006). Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. *Cadernos de Campo*, 15(14-15), 231-239. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p231-239>
- Fraser, N. (2007). Mapeando a imaginação feminista: Da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Revista Estudos Feministas*, 15(2), 291-308. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200002>
- Fraser, N. (2009). O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, 14(2), 11-33. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>
- Gabrielli, C. P. (2019). Análise crítica do discurso e teoria feminista. *XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, 18.
- Garcia, C. C. (2011). *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade.
- Hooks, B. (2019). *Teoria Feminista - da margem ao centro* (1 ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Hubbard, R. (1993). Algumas ideias sobre a masculinidade das ciências naturais. In M. Gergen (Ed.). *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- IBGE. (2021). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=destaques>
- Imas, J. M., Wilson, N., & Weston, A. (2012). Barefoot entrepreneurs. *Organization*, 19(5), 563-585. <https://doi.org/10.1177/1350508412459996>
- Jiménez, E. G., Flores, J. G., & Gómez, G. R. (1994). Análisis de datos cualitativos en la investigación sobre la diferenciación educativa. *Revista de Investigación Educativa*, 23, 179-213.
- Lopes, I. V. M. et al. (2020). A representação das mulheres na propaganda: um ensaio teórico na perspectiva dos estudos pós-estruturalistas de gênero. *XXII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente (ENGEMA)*, São Paulo, Brasil, 22.
- Lugones, M. (2008). Colonialidade e gênero. *Tabula rasa*, 9, 73-102.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo decolonial. *Estudos Feministas*, 22(3), 935-952.
- Machado, H. V., St-Cyr, L., Mione, A., & Alves, M. C. M. (2003). O processo de criação de empresas por mulheres. *RAE-eletrônica*, 2. <https://doi.org/10.1590/S1676-56482003000200007>
- Maclaran, P. (2012). Marketing and feminism in historic perspective. *Journal of Historical Research in Marketing*, 4(3), 462-469. <https://doi.org/10.1108/17557501211252998>
- Magalhães, C. M. (2001). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG.
- Marín, J. J. (2012). Representações sociais, práticas sociais e ordens do discurso. Uma abordagem conceitual a partir da análise crítica do discurso. *Entramado*, 8(2), 124-136.
- Martins, R. M., Lopes, V. R., Oliveira, I. S., & Medeiros, C. R. O. (2017). Celebridade, empreendedora e estética: Representações das feminidades na revista Exame. *Revista de Administração IMED*, 7(1), 70-92. <https://doi.org/10.18256/2237-7956/raimed.v7n1p70-92>
- Mathew, V. (2010). Women entrepreneurship in Middle East: understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. *International Entrepreneurship Management Journal*, 6(2), 163-181. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0144-1>
- Matos, F. R. N., Queiroz, W. V., Lopes, K. L. A., Frota, G. D. S. L., & Saraiva, V. M. L. L. (2012). Estudo observacional do comportamento empreendedor de Irineu Evangelista de Sousa da ótica de Filion no filme “Mauá – o Imperador e o Rei”. *Cadernos EBAP.EBR*, 10(1), 202-220. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000100013>
- Mena, A. M. M., & Wosniak, H. (2021). Ao feminismo decolonial na América Latina. *Revista X*, 16(1), 239-258. <https://doi.org/10.5380/rvx.v16i1.78261>
- Miglievich-Ribeiro, A. (2020). Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 14(1), 66-80. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16181>
- Minayo, M. D. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec. São Paulo.
- Mineiro, A. A. C., Dornela, F. J., Arantes, I. C. S., & Cougo, J. S. (2020). Discurso e Empreendedorismo Social: O que a prática de estudantes engajados em projetos sociais pode revelar? *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(3), 303-330. <https://doi.org/10.14211/revgep.v9i3.1327>
- Monteiro, R. S., Araújo, F. F., Cerchiaro, I., & Tonini, K. (2020). Consumo e discurso na indústria cultural da cerveja: o lugar

- da mulher no Centro de Experiência Cervejeira da Bohe-mia. *Revista Científica On-line Tecnologia – Gestão – Humanismo*, 10(1).
- Morandi, T. B. (2017). *Assédio moral no ambiente organizacional: O contexto dos abusos psicológicos contra as mulheres no ambiente de trabalho* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina, Brasil. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1057>
- Moreira, G. J., & Barros, D. E. C. (2018). Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas. *Revista Letras Raras*, 7(2), 321-337. <https://doi.org/10.35572/rlr.v7i2.997>
- Nassif, V. M. J., Ghobril, A. N., & Amaral, D. J. (2009). Empreendedorismo por necessidade: O desemprego como impulsivo-onador da criação de novos negócios no Brasil. *Pensamento & Realidade*, 24(1), 143-168.
- Oliveira, E. R. (2012). Violência doméstica e familiar contra a mulher: Um cenário de subjugação do gênero feminino. *Revista LEVS*, 9, 150-165. <https://doi.org/10.36311/1983-2192.2012.v0n9.2283>
- Paiva, M. S. (1997). Teoria feminista: O desafio de tornar-se um paradigma. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 50(4), 517-524. <https://doi.org/10.1590/S0034-71671997000400007>
- Pedro, J. M. (2005). Traduzindo o debate: O uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, 24(1), 77-98. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>
- Pinto, G. A. (2019). A luta das mulheres moradoras da favela da Maré pelo direito à cidade: Construção de r-existências e combate à violência no espaço público da cidade do Rio de Janeiro. *IV Seminário Latino-Americano de Geografia, Gênero e Sexualidade*. Tandil, Buenos Aires, Argentina, 4.
- Porto-Gonçalves, C. W., & Quental, P. A. (2012). Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. *Polis. Revista Latinoamericana*, 11(31). <https://doi.org/10.4067/S0718-65682012000100017>
- Quijano, A. (1967). La urbanización de la sociedad en Latinoamérica. *Revista Mexicana de Sociología*, 29(4), 669-703.
- Quijano, A. (2005). Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, 19(55), 9-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300002>
- Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. *Masculino, Feminino, Plural*, 316-342.
- Ramos, G. (1989). *A nova ciência das organizações* (2 ed.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Rampton, M. (2015). *Four Waves of Feminism*. <http://www.pacificu.edu/about-us/news-events/four-waves-feminism>
- Ribas, A. C. W. (2015). *Capitalismo Dependente e Universidade: Crítica à decadência ideológica na América Latina e a atualidade do movimento de Córdoba* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/133032>
- Ribeiro, R. C. L. (2020). *Elas por elas – o organizar de práticas de um empreendedorismo de resistência no cotidiano de uma rede de mulheres em Fortaleza* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Ribeiro, R. C. L., Ipiranga, A. S. R., Oliveira, F. F. T. D., & Dias, A. D. (2019). Uma “estética de lances” de uma “heroína ordinária”: o reorganizar de práticas de resistências de uma artesã. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(3), 590-606. <https://doi.org/10.1590/1679-395173562>
- Rose, G. (1993). *Feminism & geography: The limits of geographical knowledge* (1 ed.). London: University of Minnesota Press.
- Saint-Pierre, H. L. (2004). *Max Weber: Entre a paixão e a razão* (3. ed.). Campinas: Unicamp.
- Santos, B. S. (2004). *A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Editora Cortez.
- Santos, B. S., & Meneses, M. P. (Orgs.). (2009). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez.
- Santos, T. (2000). *O debate sobre a dependência. Teoria da dependência: Balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sá-silva, J. R., Almeida, C. D., & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: Pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1). <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>
- Scott, J. (1988). Deconstructing equality versus difference: Or the uses of poststructuralist theory for feminism. *Feminist Studies*, 14(1), 33-49. <https://doi.org/10.2307/3177997>
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Sebrae. (2019). *Empreendedorismo Feminino no Brasil. Relatório Especial*. [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf)
- Semeraro, G. (2007). Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, 29, 95-104. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782007000200008>
- Silva, F. P., Baltar, P., & Lourenço, B. (2018). Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 12(1).
- Silva, G. R. (2019). Feminismo e trabalho: Porque as mulheres continuam ganhando menos que os homens? *Revista Húmus*, 9(26), 87-103.
- Sobrinho, L. L. P., & Pires, N. S. S. (2018). Biodemocracia: Uma leitura a partir da decolonialidade do saber. *Revista Direito Ambiental e Sociedade*, 8(1), 7-23.
- Spicer, A., & Böhm, S. (2007). Moving management: Theorizing struggles against the hegemony of management. *Organization Studies*, 28(11), 1667-1698. <https://doi.org/10.1177/0170840606082219>
- Strobino, M. R. C., & Teixeira, R. M. (2014). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho família: Estudo de multicaseos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração (FEA-USP)*, 49(1), 59-76.
- Teixeira, J. C., Perdigão, D. A., & Carrieri, A. P. (2016). O discurso gerencialista e a construção de ideais estéticos femininos e masculinos. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(7), 385-436.
- Teixeira, R. M., & Bomfim, L. C. S. (2016). Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: Estudo de casos múltiplos em agências de viagens. *RBTUR - Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 10(1). <https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i1.855>
- Torreão, N. (2007). A liderança feminina no desenvolvimento sustentável. *Revista Artémis*, 7, 101-121.
- Tragtenberg, M. (1986). *Reflexões sobre o socialismo* (1 ed.). São Paulo: Moderna.
- Tragtenberg, M. (2004). *Sobre educação, política e sindicalismo* (3 ed.). São Paulo: Editora UNESP.
- Traspadini, R. (2014). Dependência e luta de classes na América Latina. *Argumentum*, 6(2), 29-43. <https://doi.org/10.18315/argumentum.v6i2.8504>
- Van leeuwen, T. (2008). *Discurso e prática: Novas ferramentas para Análise Crítica do Discurso*. New York: Oxford University Press.

- Winn, J. (2005). Women entrepreneurs: Can we remove the barriers? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1, 381-397. <https://doi.org/10.1007/s11365-005-2602-8>
- Wrye, H. K. (2009). The fourth wave of feminism: Psychoanalytic perspectives introductory remarks. *Studies in Gender and Sexuality*, 10, 185-189. <https://doi.org/10.1007/s11365-005-2602-8>
- Young, I. (1990). *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press.

**CONTEXTUS**

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,  
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica  
CEP 60020-180, Fortaleza-CE

**DIRETORIA:** Paulo Rogério Faustino Matos  
Danielle Augusto Peres

**Website:** [www.periodicos.ufc.br/contextus](http://www.periodicos.ufc.br/contextus)

**E-mail:** [revistacontextus@ufc.br](mailto:revistacontextus@ufc.br)



A Contextus está classificada no sistema Qualis – Capes como periódico B1, na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo (2013-2016).



A Contextus está de acordo e assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

**EDITOR-CHEFE**

Diego de Queiroz Machado (UFC)

**EDITORES ADJUNTOS**

Alane Siqueira Rocha (UFC)

Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

**EDITORES ASSOCIADOS**

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)

Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)

Allysson Alex Araújo (UFC)

Andrew Beheregarai Finger (UFAL)

Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)

Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)

Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)

Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)

Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)

Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)

Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)

Gabriel Moreira Campos (UFES)

Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)

Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)

Jorge de Souza Bispo (UFBA)

Keysa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)

Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)

Marcos Cohen (PUC-Rio)

Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)

Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)

Minelle Enéas da Silva (La Rochelle, França)

Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)

Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)

Rosimeire Pimentel (UFES)

Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)

Susana Jorge (UC, Portugal)

Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)

Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)

Danielle Augusto Peres (UFC)

Diego de Queiroz Machado (UFC)

Editinete André da Rocha Garcia (UFC)

Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)

Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)

Fátima Regina Ney Matos (ISMT)

Mario Henrique Ogasavara (ESPM)

Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)

Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)

Vasco Almeida (ISMT)

**CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO**

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)

Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)

Denise Del Pra Netto Machado (FURB)

Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)

Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)

Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)

Francisco José da Costa (UFPB)

Isak Kruglianskas (FEA-USP)

José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)

José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)

José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)

José Célio de Andrade (UFBA)

Luciana Marques Vieira (UNISINOS)

Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)

Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)

Marcelle Colares Oliveira (UFC)

Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)

Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)

Mozar José de Brito (UFL)

Renata Giovinazzo Spers (FEA-USP)

Sandra Maria dos Santos (UFC)

Walter Bataglia (MACKENZIE)